



Análise discursivo-crítica de manchetes on-line sobre a educação brasileira pós pandemia

Maria Luísa Rodrigues Ramos¹, Henrique Campos Freitas²



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p7892-78918>

Artigo recebido em 27 de Setembro e publicado em 27 de Novembro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Após a eclosão da Covid-19 no Brasil, em 2020, as matérias dos jornais brasileiros começaram a debater sobre os efeitos da pandemia na qualidade da educação das escolas do país. Diante disso, este trabalho objetivou-se a investigar, sob uma perspectiva discursivo-crítica, manchetes jornalísticas veiculadas em jornais on-line, de acesso livre, que retratavam o cenário educacional brasileiro pós-pandemia. Para isso, utilizou-se a abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2001, 2003, 2013), especificamente a análise das categorias de intertextualidade e de interdiscursividade. Os resultados da pesquisa evidenciaram um perfil midiático com uma narrativa que, frequentemente, reforça desigualdades ao valorizar a capacidade de adaptação tecnológica, muitas vezes ignorando as barreiras socioeconômicas que limitam o acesso equitativo às ferramentas digitais. No mais, observou-se que os textos midiáticos podem desafiar narrativas dominantes e questionar estruturas de poder. Por fim, concluiu-se que a mídia tem o poder de reconfigurar valores e práticas sociais, catalisando transformações discursivas profundas, podendo estabelecer relações menos assimétricas.

Palavras-chave: Análise de discurso crítica. Educação. Manchete. Mídia. Pandemia.

¹ Discente do curso de Letras-Português EaD da Universidade de Uberaba (Uniupe). Possui graduação em Direito, como bolsista integral do PROUNI (2014). Especialista em Direito Público: Constitucional, Administrativo e Tributário, especialista em Revisão de Textos em Língua Portuguesa (2022) e especialista em Direito e Processo do Trabalho (2018). Atualmente, é servidora pública federal no Tribunal Regional do Trabalho da 3 Região.

² Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (PosLin/UFMG). Docente no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade de Uberaba (Uniupe). Coordenador dos cursos de Letras EaD da mesma instituição. Servidor público municipal lotado na Secretaria Municipal de Educação de Uberaba/MG (Semed).



Discourse-critical analysis of online headlines about Brazilian education after the pandemic

ABSTRACT

Following the outbreak of Covid-19 in Brazil in 2020, headlines in Brazilian newspapers began to debate the effects of the pandemic on the quality of education in the country's schools. In view of this, this work aimed to investigate, from a discursive-critical perspective, journalistic headlines published in free online newspapers that portrayed the post-pandemic Brazilian educational scenario. To do this, we used the theoretical-methodological approach of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001, 2003, 2013), specifically analyzing the categories of intertextuality and interdiscursivity. The results of the research showed a media profile with a narrative that often reinforces inequalities by valuing the ability to adapt to technology, often ignoring the socio-economic barriers that limit equal access to digital tools. Furthermore, it was observed that media texts can challenge dominant narratives and question power structures. Finally, it was concluded that the media has the power to reconfigure social values and practices, catalyzing profound discursive transformations and establishing less asymmetrical relationships.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Education. Headlines. Media. Pandemic.

Instituição afiliada – Universidade de Uberaba (Uniupe)

Autor correspondente: Henrique Campos Freitas henrique.freitas@uniube.br

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A eclosão da pandemia da Covid-19 afetou, significativamente, o ensino nas escolas do Brasil, a medida em que se fez necessário a adaptação do ensino presencial para o remoto, o que representou uma grande mudança no paradigma educacional. Com o isolamento social, imposto pela pandemia, as escolas de todo o país tiveram que enfrentar inúmeros desafios para que a educação escolar fosse menos impactada pela distância física entre estudantes e professores.

Diante desse cenário, este estudo promoveu uma análise das manchetes on-line de notícias e de reportagens com foco temático na educação brasileira no contexto pós-pandemia à luz da abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC), a partir de uma análise textualmente orientada do discurso com foco nas categorias de intertextualidade – interrelação de um texto com outros – e interdiscursividade – diálogo entre diferentes discursos.

Isso posto, o estudo partiu da seguinte problematização: como a Análise de Discurso Crítica de manchetes jornalísticas distribuídas em jornais on-line, que retratam o cenário educacional brasileiro pós-pandêmico, pode contribuir para a mudança de práticas discursivas e sociais? Mais particularmente, levantaram-se outros questionamentos, a saber: de que modo vem sendo traçado um perfil de educação pela mídia brasileira no contexto pós-pandemia? De que maneira os textos podem ser protagonistas para uma mudança discursiva em um contexto digital?

Diante disso, a abordagem teórico-metodológica utilizada neste trabalho foi a ADC, de Norman Fairclough (2001, 2003, 2013), por apresentar estratégias conceituais e metodológicas capazes de apurar as complexidades do uso da linguagem nas interações discursivas. Para a análise, foram utilizadas as categorias intertextualidade e interdiscursividade (Fairclough, 2003). Analisou-se, assim, os significados representativos dos discursos que são veiculados pela mídia em relação a outros já ditos, como estratégia discursiva de recontextualizar práticas sociais da educação pós-pandemia.

Partindo disso, o presente estudo teve como objetivo geral investigar, sob uma perspectiva de análise discursivo-crítica, manchetes jornalísticas veiculadas em jornais



on-line, de acesso livre, que retratam o cenário educacional brasileiro pós-pandemia. De modo mais específico, buscou-se (a) descrever um perfil de educação, pós-pandemia, que vem sendo construído pela mídia e (b) discutir como os textos podem ser protagonistas para uma mudança discursiva em uma sociedade.

Isso posto, este estudo encontra-se dividido da seguinte forma: Introdução, na qual foi contextualizado e delimitado o tema pesquisado, o problema de pesquisa, as justificativas e os objetivos geral e específicos; Fundamentação teórica, cuja seção foi subdividida em duas partes para tratar de conceitos base para essa pesquisa – Análise de Discurso Crítica: noções teórico-metodológicas (Conceitos-chave da Análise de Discurso Crítica e Os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade); Metodologia da pesquisa, seção em que é apresentado a abordagem e o tipo de pesquisa, a amostra analisada e o aparato metodológico da ADC empregado; Resultados e discussão, seção na qual é apresentado os resultados dos dados coletados, sua análise e discussão; Considerações finais, onde se retoma os objetivos da pesquisa e se tece as principais conclusões do estudo; e Referências citadas no corpo do texto.

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: NOÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

De acordo com os estudos linguísticos, utilizamos a linguagem para expressar nossos interesses, ideias, pensamentos e posicionamentos. A linguagem possui potenciais discursivos, evidenciados através dos enunciados, que surgem em todas as áreas da atividade humana. Esses enunciados representam o uso da língua, tanto oral quanto escrita, pelos indivíduos para finalidades específicas (Freitas, 2023).

Partindo desse pressuposto, a Análise de Discurso Crítica – doravante ADC – é uma abordagem teórico-metodológica elaborada pelo linguista britânico Norman Fairclough. Essa teoria procura entender como o discurso reflete e perpetua relações assimétricas de poder na sociedade por meio da linguagem e das práticas discursivas.

De acordo com Fairclough e Melo (2012, p. 311), a ADC

[...] oscila entre a ênfase na estrutura – nas mudanças na estruturação da diversidade semiótica (ordens de discurso) – e a ênfase na ação –



no trabalho semiótico produtivo que acontece nos textos e interações. Nas duas perspectivas, o que importa são as articulações em mudança entre gêneros, discursos e estilos, a mudança da estruturação social entre esses elementos na estabilidade e permanência nas ordens de discurso e uma continuidade no trabalho das relações entre eles em textos e interações.

Desse modo, são trabalhados, ainda, os conceitos de discurso, poder, hegemonia e ideologia, por exemplo, pela ADC investigar as práticas discursivas e sociais, ou seja, o uso da linguagem na prática, adotando uma abordagem textualmente orientada (ADTO), considerando o contexto de produção, distribuição e consumo do discurso, bem como as relações de poder, domínio, discriminação e controle que são perpetuadas por meio da linguagem.

Na ADC, a análise discursiva é fundamental, o que implica uma investigação que vai dos textos à ordem do discurso. A abordagem da ADC se preocupa tanto com a continuidade quanto com a mudança nas ordens do discurso, assim como com o conteúdo específico dos textos, estabelecendo uma conexão entre essas duas preocupações por meio da análise dos textos (Resende; Vieira, 2006).

Apesar da diversidade na ADC, alguns princípios fundamentais podem ser identificados. Primeiramente, há um princípio do caráter crítico que não se limita aos aspectos linguísticos e semióticos, mas também considera os elementos sociais e de poder presentes nos discursos. Além disso, há uma explícita carga político-ideológica, que reconhece o posicionamento ideológico do pesquisador e os efeitos sociais de sua pesquisa, sem tentar ocultá-los. Não há imparcialidade na conduta do analista crítico do discurso (van Dijk, 2008).

Nesse contexto, a ADC emerge como uma abordagem que permite uma reflexão sobre a realidade, considerando a linguagem como um reflexo da realidade social. Realidade que tem sido sujeitada e controlada ao longo da história, impedindo o desenvolvimento político, cultural e educacional das massas sociais.

Dessa forma, dependendo do objeto de estudo, observamos a necessidade de ir além de uma abordagem puramente linguística, incorporando de forma mais ou menos sistemática as dimensões históricas, política, sociológica e/ou psicológica na análise e interpretação de um evento discursivo específico, adotando uma perspectiva



transdisciplinar tanto em termos teóricos quanto metodológicos (Resende; Vieira, 2006).

Para ADC, os sistemas de interesses não estão limitados à linguística ou a uma única área de conhecimento, visto que o arcabouço teórico-metodológico perpassa por diferentes áreas e disciplinas, como acontece neste estudo que, ao fazer um estudo de gêneros da esfera jornalística/midiática, não se pode deixar de lado a pesquisa sobre a comunicação e jornalismo.

Assim sendo, Fairclough (2001, 2003) argumenta que compreender o discurso, presente no dia a dia dos indivíduos, é fundamental para entender os elementos da vida social. De acordo com o autor, o discurso não apenas representa o mundo, mas também o constrói em termos de significado, influenciando toda a dimensão social do discurso – ideológica e hegemonicamente. Além disso, para o linguista em questão, é por meio do discurso que podemos identificar as dinâmicas das relações de poder entre as pessoas e/ou instituições.

CONCEITOS-CHAVE DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Primeiramente, no que tange ao conceito de discurso, para a ADC, ele possui dois significados: em um contexto abstrato, discurso refere-se à linguagem como um elemento essencial da vida humana. Já no contexto concreto, o discurso refere-se a formas particulares de representar o mundo associadas a interesses específicos.

Nessa mesma direção, Vieira e Macedo (2018, p. 57) asseveram que

[...] o falarmos de discursos, no plural, estamos nos referindo à prática discursiva; discurso, no singular, refere-se à parte dessas práticas. No contexto do ADC, o termo “discurso” engloba tanto o sentido de texto quanto de interação, pois Fairclough integra a análise linguística com a teoria social do discurso para conceituá-lo. Assim, o termo perde qualquer conotação de neutralidade. Consequentemente, no ADC, o discurso é entendido como linguagem que se manifesta como prática social, não sendo apenas algo puramente individual ou situacional.

Nesse sentido, Fairclough (2001), em sua Teoria Social do Discurso, conceitua três dimensões possíveis de serem analisadas no modelo tridimensional do discurso:



texto, prática discursiva e a da prática social (Figura 1).

Figura 1: representação do modelo tridimensional do discurso de Fairclough



Fonte: Pinto e Barbosa (2022, p. 103) com base em Meurer (2007).

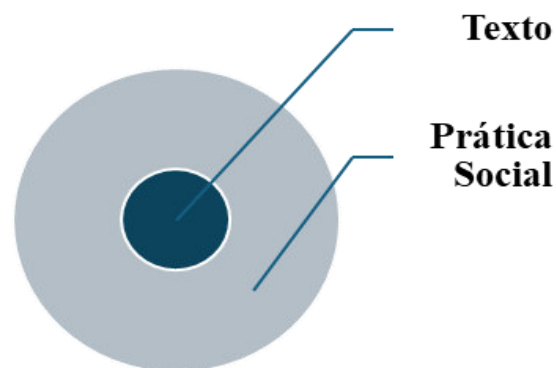
De acordo com a ADC, o discurso pode ser analisado em três dimensões diferentes, que, quando combinadas, ajudam a entender o papel que esse ocupa na sociedade: a análise dos textos em si, sejam eles falados, escritos ou visuais, levando em consideração o vocabulário utilizado, a gramática aplicada, os mecanismos de coesão e a estrutura ou formato do texto; a análise da prática discursiva, que engloba todo o processo de produção, de distribuição e de consumo de textos, buscando interpretá-los por meio da compreensão da eficácia, coerência, intertextualidade e interdiscursividade; e a análise do discurso como parte integrante da cultura, sociedade e história, do que as pessoas fazem, buscando explicar os processos ideológicos e hegemônicos.

Em 2003, Fairclough apresentou uma nova versão do seu modelo, propondo uma abordagem bidimensional que examina o texto tanto em suas manifestações internas quanto externas (Figura 2). Ormundo (2007) explica que os elementos que



anteriormente faziam parte da prática discursiva e das formas de texto agora estão integrados na Prática Social, que é composta por diversos elementos, incluindo discurso, atividade social, relações sociais e fenômenos mentais, cada um internalizando os outros e não se apresentando de forma fragmentada, uma vez que não há como dissociar as práticas discursivas das práticas sociais.

Figura 2: concepção bidimensional do discurso



Fonte: Freitas (2022, p. 9), com base em Fairclough (2003).

Algumas noções caras à ADC, como ideologia, poder e hegemonia, que representam aspectos do mundo social e influenciam as relações de influência em diferentes contextos sociais (Fairclough, 2001, 2003), foram incorporadas a partir de outros estudiosos, tais como Thompson (2002) e Gramsci (1971).

O conceito de ideologia é o defendido por Thompson (2002). A ideologia possui formas e significados textuais associados a modos específicos de serem representadas, interagir e serem identificadas nas práticas sociais. Nessa perspectiva, o conceito de ideologia pode ser inerentemente negativo, pois são formas como o sentido/significado serve para instaurar/estabelecer relações de poder assimétricas, isto é, de dominação.

Já o conceito de poder, em ADC, é apresentado por Gramsci (1971), o qual o compreende como sendo fluido; de outra maneira, as relações de poder assimétricas podem ser modificadas, revertidas, extrapoladas e superadas devido à concepção dialética da relação entre linguagem e sociedade. O conceito de poder é tido como hegemonia, que é frequentemente alcançado e mantido pelo discurso de algumas poucas pessoas em detrimento de outras.



Por outro lado, a noção de hegemonia, adotada em ADC, é a proposta por Gramsci (1971) a qual se refere às ideologias de supremacia e às influências predominantes exercidas por partes, em vez de um todo, que buscam predominância e superioridade. Pessoas contemplam diversas maneiras de estabelecer e manter a hegemonia, incluindo a batalha hegemônica travada no discurso.

Todavia, a fim de atingir os objetivos propostos inicialmente neste estudo, foi priorizada a dimensão das práticas discursivas, com focos nas categorias de interdiscursividade de intertextualidade, as quais são apresentadas detalhadamente a seguir.

OS CONCEITOS DE INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE

No modelo bidimensional de Norman Fairclough, a dimensão das práticas discursivas relaciona-se à análise textual com o contexto sociocultural. Essa dimensão examina como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos em diferentes contextos sociais, explorando os processos de criação e interpretação discursiva. Além disso, envolve a análise dos gêneros discursivos, que são tipos específicos de comunicação situados em práticas sociais particulares, e a intertextualidade, que se refere às relações entre diferentes textos e como eles se influenciam mutuamente.

Já as práticas discursivas refletem a maneira como os textos se inserem nas atividades sociais, moldando e sendo moldados pelas relações de poder e ideologias presentes na sociedade. Assim, essa dimensão permite entender não apenas a estrutura interna dos textos, mas também a dinâmica social mais ampla em que esses textos estão inseridos, revelando as complexas interações entre linguagem e sociedade (Fairclough, 2003).

Nesse bojo do discurso, isto é, na dimensão das práticas discursivas, insere-se a intertextualidade, a qual se refere à conexão entre textos e pode manifestar-se de várias maneiras, a saber: por meio de referências explícitas a temas ou protagonistas; por meio de alusões a eventos semelhantes; por meio de evocações e de citações; pela transferência de argumentos de um texto para outro dentre outras (Gonçalves-



Segundo, 2018). Com isso, a intertextualidade influencia os discursos de várias maneiras, como na adição de contexto e profundidade, na criação de autoridade e legitimidade, no engajamento público, na construção de identidade, na criação de novos significados e na crítica.

Para Fairclough (2003), a intertextualidade envolve, ainda, a combinação de uma voz em um texto com outras vozes que estão articuladas a ele, destacando a natureza dialógica do texto. Além disso, a intertextualidade constitui uma dimensão textual que promove a interdiscursividade (Fairclough, 2001).

Fairclough (2001) enfatiza que a intertextualidade contribui para a compreensão das práticas discursivas em termos de produção, distribuição e consumo porque possibilita o receptor a fazer ligações de um determinado texto e eventos com outros que ele possivelmente já tenha tido contato. Quanto a esses aspectos, Fairclough (2001) explica que, em relação à produção, a intertextualidade revela a historicidade dos textos e como eles conectam o presente ao passado.

No tocante à distribuição dos discursos, a perspectiva intertextual explora as redes pelas quais os textos circulam e são transformados, como quando uma notícia viraliza nas redes sociais, por exemplo. No que diz respeito ao consumo, a intertextualidade permite compreender que, além dos textos relacionados à produção, são igualmente importantes os textos que os leitores trazem para o processo de interpretação.

Por outro lado, a interdiscursividade – um outro elemento situado nas práticas discursivas – diz respeito à heterogeneidade presente em um texto por meio da integração de múltiplos discursos, o que significa que a análise interdiscursiva de um texto está relacionada à identificação dos diferentes discursos integrados e à forma como são conectados (Resende; Vieira, 2011).

Assim, na interdiscursividade, o foco está nos discursos presentes, seja de forma explícita ou implícita, nos textos, bem como nas formas como esses discursos são articulados e mesclados com outros. Embora a interdiscursividade englobe não apenas a fusão de discursos, mas também de gêneros e estilos, muitas vezes, por meio da análise interdiscursiva, investigamos os discursos presentes nos textos e as conexões com conflitos hegemônicos mais amplos (Resende; Vieira, 2006).



Na ADC, os conceitos de gêneros e estilos têm significados específicos e importantes. Os gêneros referem-se aos diferentes tipos de atividades comunicativas ou eventos de comunicação que ocorrem em contextos sociais específicos. Eles são moldados por normas sociais e práticas discursivas que regem como a comunicação deve ocorrer em determinados contextos, por exemplo, artigo de opinião e notícia (Fairclough, 2001).

Os gêneros são considerados: funcionais – têm funções específicas e são usados para atingir certos objetivos comunicativos dentro de contextos sociais e institucionais; estruturais – cada gênero possui uma estrutura organizacional específica que inclui padrões de linguagem, formas de organização do texto e convenções discursivas; contextuais – os gêneros são contextualmente situados e refletem as práticas e relações sociais do ambiente em que ocorrem (Fairclough, 2001).

De outro modo, os estilos, segundo Fairclough (2001), referem-se às maneiras pelas quais os indivíduos ou grupos expressam suas identidades e relações sociais através do uso da linguagem, envolvendo aspectos: identitários – são formas de expressar identidades pessoais e sociais, revelando como as pessoas se veem e como desejam ser vistas pelos outros; expressivos – incluem escolhas lexicais, gramaticais e fonológicas que expressam atitudes, emoções e subjetividades; relacionais – são usados para construir e negociar relações sociais, refletindo hierarquias, solidariedade, poder e distância social. São exemplos de estilo o formal vs. informal e engajado vs. neutro.

Fairclough (2003) compreende a relação da interdiscursividade com a articulação de outros elementos da ordem do discurso, como a estrutura genérica³ do texto. Desse modo, na ADC, a análise vai além da análise textual, expandindo-se para uma análise interdiscursiva, ou seja, uma análise de textos com base nos diferentes discursos, gêneros e estilos que eles envolvem (Vieira; Macedo, 2018).

³ O conceito de estrutura genérica do texto refere-se à forma como os textos são organizados de acordo com os gêneros discursivos aos quais pertencem. Cada gênero discursivo possui uma estrutura típica que guia a produção e interpretação dos textos dentro de contextos sociais específicos. Esses elementos organizacionais e funcionais que são característicos de um determinado gênero incluem sequências estruturais (os componentes sequenciais do texto, como introdução, desenvolvimento e conclusão em um artigo acadêmico, ou saudação, corpo da mensagem e despedida em um e-mail formal), funcionalidade (cada parte do texto desempenha uma função específica que contribui para o propósito comunicativo do gênero, por exemplo, a função de informar ou instruir) e normas e convenções (incluem o estilo, o registro, o vocabulário e as formas gramaticais apropriadas para cada gênero) (Fairclough, 2003).



Dessa forma, compreende-se que a ADC se concentra na análise de situações sociais específicas, em que se pode observar que o discurso desempenha um papel fundamental em todas as suas fases, seja na produção, reprodução ou superação de desigualdades e relações de dominação. Portanto, não se trata apenas de mudança social, mas também de mudança discursiva, a qual envolve a transformação social resultante da intervenção discursiva (Magalhães; Martins; Resende, 2017).

METODOLOGIA

O presente estudo empreendido trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada quanto aos seus objetivos. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa do tipo documental e empregada a abordagem de pesquisa qualitativa, que possui teor crítico e interpretativista. A pesquisa qualitativa é uma abordagem que se concentra na compreensão profunda dos fenômenos a partir da perspectiva dos participantes envolvidos.

Como exposto anteriormente, o tipo de pesquisa utilizado neste trabalho foi a documental. Esse método, enquanto técnica qualitativa, contribui para a compreensão do contexto histórico, cultural e científico de uma comunidade ou de um fenômeno (social ou natural) em um período específico. Dessa forma, esclarece as inquietações que surgem no pesquisador, as quais geralmente foram sistematizadas em uma proposta de pesquisa (Fontana; Pereira, 2023). Além da abordagem teórico-metodológica da ADC, que apresenta os elementos destacados no Quadro 1 para análise.

Quadro 1: questões de direcionamento na análise textual em ADC

Aspectos discursivos/textuais	Perguntas sobre o texto em análise
Estrutura genérica	• O texto se situa em uma cadeia de gêneros? • O texto é caracterizado por uma mistura de gêneros? • Que gêneros o texto articula (em termos de atividade, relações sociais, tecnologias de comunicação)?
Intertextualidade	• De outros textos/ vozes relevantes, quais são incluídos? • Quais são significativamente excluídos? • Como outras vozes são incluídas? São atribuídas? Se sim, especificamente ou não especificamente?



	• As vozes atribuídas são relatadas diretamente (citação) ou indiretamente? • Como outras vozes são tecidas em relação à voz do/a autor/a e em relação umas com as outras?
Interdiscursividade	• Que discursos são articulados no texto e como são articulados? Há uma mistura significativa de discursos? • Quais são os traços que caracterizam os discursos articulados (relações semânticas entre palavras, colocações, metáforas, presunções, traços gramaticais)?

Fonte: elaborado com base em Fairclough (2003).

Os gêneros foram delimitados para este estudo considerando que os novos meios de veiculação desses, isto é, as mídias digitais, popularizaram bastante o acesso à informação, que antes eram mais limitados aos meios impressos, impossibilitando, devido ao custo, que um maior número de pessoas acessasse certos conhecimentos. Contudo, essa facilitação tem gerado reflexões, pois muitas pessoas limitam-se à leitura das manchetes e não verificam o conteúdo na íntegra, reforçando uma cultura iletrada, mesmo com o advento das mídias.

Os exemplares analisados neste estudo foram extraídos de sites jornalísticos gratuitos em sítios da internet. Foram coletados 20 (vinte) textos e desses foram selecionados 8 (oito) para ser analisados. As publicações foram feitas no período de julho de 2020 a dezembro de 2022. Isso porque esse período evidencia as especificidades da educação no contexto pós-pandemia, permitindo a observação dos impactos e consequências do ensino emergencial no cenário socioeducacional do país. Quanto ao período de coleta de dados, foi realizada a busca entre fevereiro e março de 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A manchete jornalística trata-se de um texto situado em uma cadeia de gênero porquanto se insere em um contexto comunicativo mais amplo, em que é influenciada por e responde a outros textos anteriores, e, simultaneamente, prepara o terreno para textos subsequentes. Ademais, a manchete influencia e é influenciada por outros textos jornalísticos, como artigos, entrevistas, relatórios, editoriais, reportagens e até mesmo pelas manchetes de outras publicações, criando uma intertextualidade complexa.



Nesse sentido, passemos à análise acerca das manchetes e como elas podem ser utilizadas para reforçar narrativas (Figura 3).

Figura 1: manchete 1

REDES SOCIAIS

Estudo mostra que pandemia intensificou uso das tecnologias digitais



Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAGY>. Acesso em: 03 mar. 2024.

No tocante à intertextualidade, na primeira manchete, o léxico ‘Estudo’ se refere a uma pesquisa feita sobre como a pandemia intensificou o uso de tecnologias digitais. A única voz presente na manchete é o referido Estudo, retratado de forma indireta. A manchete não fala a origem desse Estudo. Vozes dos professores, alunos e pedagogos não estão presentes na manchete. Não há mais vozes a serem analisadas.

Por outro lado, no que diz respeito à interdiscursividade, os discursos articulados na manchete são de cunho científico/documentado e discurso tecnológico. Há uma mistura desses dois discursos, eis que um embasa o outro. O discurso científico embasa o discurso tecnológico. A relação de causalidade (causa: pandemia – efeito: intensificação do uso das tecnologias digitais) caracteriza a articulação dos dois discursos presentes na manchete analisada (Fairclough, 2001).

Nesse contexto, é perceptível como esse veículo midiático buscou, ideologicamente, legitimar o discurso político-educacional por meio da racionalização, que é uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações (Thompson, 2002) com o estudo mencionado, conferindo, assim, confiabilidade e credibilidade. No entanto, é preciso salientar a necessidade do letramento para leitura de textos que circulam na esfera digital, a simples leitura da manchete pode causar interpretações equivocadas.



A segunda manchete (Figura 4) tem um viés parecido, mas, dessa vez, com a estratégia argumentativa de autoridade.

Figura 2: manchete 2

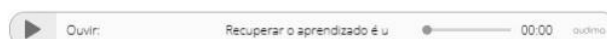
Recuperar o aprendizado é um desafio urgente, indica Unicef

Pesquisa revela que escolas sofrem com falta de ônibus e de alimentação para garantir atividades no contraturno escolar

EDUCAÇÃO | Karla Dunder, do R7
19/08/2022 - 10H00 (ATUALIZADO EM 19/02/2024 - 17H01)



🔊 A+ A-



Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAg4>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Na segunda manchete também há presença de intertextualidade, pois traz uma pesquisa de uma organização mundial de grande importância para atribuir credibilidade à chamada midiática, implicando na formação da opinião dos leitores, haja vista que se trata de uma organização de notória relevância.

Sob uma ótica interdiscursividade, o discurso institucional referido trata-se de uma pesquisa indicada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Essa instituição é conhecida pelo trabalho realizado em prol das crianças de todo o planeta. Quais discursos importantes foram excluídos dessa manchete? Apenas as instituições possuem autoridade para atestar os problemas enfrentados pelos professores e alunos, principais atores sociais da atividade escolar? Será que a falta de transportes escolar e alimentação surgiu apenas no período pós-pandêmico?

Na perspectiva da ADC, a ideologia é mais efetiva quando a sua ação é menos visível. De fato, a segunda manchete corrobora a ideia de que as deficiências e a defasagens no cenário educacional têm correlação com a pandemia, o que em partes é verdade. Porém, não podemos deixar de afirmar que as carências vistas hoje foram historicamente construídas, trata-se de falhas estruturais enraizadas na sociedade brasileira (Fairclough, 2003). A ADC, com seu ímpeto crítico, convida-nos a não permitir que tais questões sejam tratadas sem a devida seriedade, negando a precariedade ou a



falta de políticas públicas efetivas para saná-las antes mesmo da pandemia (Fairclough, 2001).

Na sequência, a terceira manchete elucida o impacto negativo da pandemia no âmbito da educação e afirma que as tentativas do governo para contê-los foram fracassadas (Figura 5).

Figura 3: manchete 3

Para entidades, governo fracassou em enfrentar impactos da pandemia na educação

Milhões de estudantes tiveram pouco ou nenhum acesso à escola em 2020



Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAGJ>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Na terceira manchete, a presença da interdiscursividade se evidencia na expressão “para entidades”. O discurso jornalístico utiliza-se do discurso institucional, novamente, para criticar o governo no que tange ao enfrentamento dos impactos da pandemia na educação. A manchete afirma, ainda, que em 2020, milhares de estudantes tiveram pouco ou nenhum acesso à escola. Mas será que isso começou a ocorrer apenas por causa da pandemia da Covid-19 ou já era um problema antigo enfrentado pelo Brasil?

Para Moraes (2013, p. 20), o sistema midiático “evidencia a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na formação da opinião pública e em linhas predominantes do imaginário social”. Nesse sentido, na terceira manchete é perceptível o descontentamento de determinadas parcelas da sociedade com a atenção do governo à educação no período pandêmico, que termina por reforçar tal percepção nos cidadãos comuns, aqueles que mais sentiram o impacto dos prejuízos da pandemia causados na



educação brasileira.

A quarta manchete tem como cerne o futuro, ou seja, como será a escola após a pandemia da Covid-19, conforme pode ser observado a seguir (Figura 6):

Figura 4: manchete 4

Educação pós-pandemia: como deverá ser a 'nova escola' ou a 'escola do futuro'?

Pandemia de Covid-19 lançou desafios para a Educação e ano letivo inédito na vida de alunos e professores. Colégio Salesiano Sorocaba faz reflexões sobre o tema.



Por Colégio Salesiano de Sorocaba

01/10/2020 11h40 · Atualizado há 3 anos



Disponível em: <https://shre.ink/DAGQ>. Acesso em: 03 mar. 2024.

A partir da leitura, observamos que as expressões ‘nova escola’ ou ‘escola do futuro’ são generalistas. A manchete impõe uma nova perspectiva de escola, sem considerar a implementação prática dessa ‘escola do futuro’. Serão levados em considerações as desigualdades regionais, por exemplo?

Com relação à intertextualidade, a segunda parte da manchete revela que foi entrevistado um colégio da rede privada, excluindo vozes da rede pública, em que se concentra a maioria dos estudantes brasileiros. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 80% dos alunos do ensino fundamental e médio estudam na rede pública em todo o país.

No que tange à interdiscursividade, a manchete engloba discursos de educação, tecnologia, e inovação, indicando que a “nova escola” ou “escola do futuro” será moldada por essas influências combinadas.

Ainda nesse contexto, pode-se afirmar que o discurso de mudança necessária



presente na manchete pode ser visto como uma forma de exercer poder e controle sobre as práticas educacionais. van Dijk (2008) argumenta que a linguagem é uma ferramenta para moldar a percepção pública e, neste caso, a escolha das expressões “nova escola” e “escola do futuro” pode legitimar novas políticas educacionais, práticas e estruturas que podem beneficiar certos grupos enquanto marginalizam outros.

A manchete 5 apresenta dados de uma instituição governamental (Inep) que indicam piora em todos os níveis da educação, devido à eclosão da pandemia da Covid-19 (Figura 7). Nesse sentido, pela chamada da notícia, infere-se que pandemia é o principal fator para essa piora, sem considerar outros aspectos que contribuem para a qualidade do ensino, anteriores à pandemia. Outrossim, a manchete sugere uma relação causal direta entre a pandemia e a piora na educação básica.

Figura 5: manchete 5

Inep aponta piora em todos os níveis da educação básica devido à pandemia

Dados foram divulgados nesta sexta-feira (16); pesquisa analisou o desempenho de mais de 5 milhões de alunos dos ensinos fundamental e médio



Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAD1>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Nessa lógica, Fairclough (2013) analisa esse posicionamento de eventos nos discursos que influencia a percepção do público. A manchete em análise atribui a causa da piora da educação das escolas brasileiras à pandemia da Covid-19, como em outras manchetes analisadas neste trabalho, o que direciona a responsabilidade para um evento externo e inesperado.

Para o linguista britânico, esse tipo de demarcação pode desviar a atenção de outros fatores estruturais que também contribuem para os problemas na educação do país, simplificando a narrativa e perpetuando problemas antigos presentes no sistema educacional brasileiro (Fairclough, 2013). No que se refere à interdiscursividade, mais uma vez, há a presença do discurso institucional para dar legitimidade ao discurso de crise e ao midiático.



Prosseguindo, a manchete 6 expõe sobre como as escolas e as famílias vão ter que lidar com a saúde emocional dos alunos, impactada pela pandemia, de acordo com a leitura a seguir (Figura 8):

Figura 6: manchete 6

Pós-pandemia desafia famílias e escolas a lidar com saúde emocional e impactos no aprendizado

Oito em cada dez brasileiros de 15 a 29 anos apresentaram recentemente algum problema de saúde mental, segundo Datafolha. Retorno das aulas presenciais trouxe mudanças na rotina.

Por João Neto, TV Globo

07/11/2022 07h24 - Atualizado há um ano

Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAgN>. Acesso em: 03 mar. 2024.

O léxico “desafia” indica que há questões a serem enfrentadas, sugerindo uma narrativa de superação e adaptação. Dessa maneira, Fairclough (2001) argumenta que o discurso de desafio ou crise pode abrir espaço para justificar a implementação de novas políticas ou práticas sociais já existentes e ser incentivada a adoção de novas abordagens para lidar com a saúde emocional e o aprendizado dos alunos e suas famílias.

Em relação à interdiscursividade e a intertextualidade, respectivamente, há o domínio do discurso institucional em detrimento da escuta do principal ator dessa relação social, qual seja o estudante, ratificando as assimetrias e relações de poder desiguais no âmbito socioeducacional (Fairclough, 2003).

Na sequência, a manchete 5 cita o léxico ‘recuperação’, ao mencionar plano da Câmara para a educação pós-pandemia (Figura 9). Vejamos a seguir o texto:

Figura 7: manchete 7

Vai à Câmara plano para recuperação da educação no pós-pandemia

Da Agência Senado | 17/03/2022, 11h04



Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAGF>. Acesso em: 03 mar. 2024.

Esta manchete está intertextualmente ligada a discursos anteriores sobre os impactos da pandemia na educação e a necessidade de planos de recuperação. Além disso, é interdiscursiva porque combina elementos de discursos políticos, educativos e de gestão de crises (Fairclough (2001).

Além disso, a chamada jornalística foca na recuperação da educação sem mencionar de forma explícita as desigualdades estruturais que a pandemia evidenciou. Nesse cenário, pela teoria de Fairclough (2013), pode-se afirmar que a ausência de determinadas questões no discurso pode naturalizar desigualdades sociais. Nessa esteira, quando a manchete em análise não cita os principais problemas sociais presentes no sistema educacional, pode-se inferir que todos os alunos foram afetados de maneira uniforme, omitindo as profundas desigualdades que afetam desproporcionalmente os alunos de comunidades vulneráveis.

Por conseguinte, a manchete 8 destaca, no contexto da educação pós-pandemia, que as escolas planejam utilizar a natureza, convivência e tecnologia com os estudantes, conforme evidenciado abaixo (Figura 10):

Figura 8: manchete 8

Escolas planejam pós-pandemia com natureza, convivência e tecnologia



Fonte: disponível em: <https://shre.ink/DAGZ>. Acesso em: 03 mar. 2024.

No que concerne à interdiscursividade, mais uma vez estão presentes os discursos tecnológico e institucional. Além disso, no que se refere à intertextualidade, novamente, as vozes dos principais atores sociais do sistema da educação (professores e alunos) são significativamente excluídas da referida manchete.

Nesse âmbito, Fairclough (2013) elenca como alguns discursos podem legitimar e desigualdades. A manchete, ao citar que as escolas, de um modo geral, estão planejando a retomada de forma inovadora e tecnológica, pode legitimar a visão de que todas as escolas do país têm a mesma capacidade e recursos para implementar tais ações. Isso ignora as desigualdades estruturais existentes no sistema educacional, naturalizando a falta de acesso a recursos avançados como sendo normais e aceitáveis, sobretudo nas escolas públicas.

Desse modo, o acesso a elementos como natureza e tecnologia pode não ser universal, especialmente para escolas em áreas menos privilegiadas ou com menos recursos. Essa exclusão implícita perpetua desigualdades sociais ao excluir barreiras estruturais que impedem o acesso igualitário dos estudantes brasileiros. Enquanto as escolas públicas tiveram ensino remoto precário durante o período de isolamento, escolas particulares de classe média alta contavam com *data-show* para exposição de aulas e com aparato tecnológico desenvolvido para dar continuidade ao ano letivo.

Desse modo, é importante salientar a principal implicação dessas manchetes para a sociedade, que é, de fato, o caráter social da ADC. Soma-se a isso o fato de que as manchetes jornalísticas não são neutras, mas sim veículos de representação ideológica que servem para legitimar certas visões de mundo e marginalizar outras. Ao analisar as manchetes sob a ótica da ADC, estratégias discursivas utilizadas pelos veículos de comunicação para construir e manter relações de poder podem ser reveladas. Isso pode



incluir a seleção seletiva de eventos, a manipulação da linguagem para favorecer determinadas interpretações e a reprodução de estereótipos e preconceitos.

Assim sendo, a ADC também permite investigar as implicações sociais e políticas das manchetes, incluindo seu impacto na formação da opinião pública e na legitimação de determinadas agendas políticas e sociais. Ao examinar as manchetes sob essa perspectiva, os pesquisadores podem contribuir para uma compreensão mais profunda dos processos de dominação e resistência que permeiam o discurso midiático e, por extensão, a sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo realizado fez-se uma investigação, sob a perspectiva ADC, manchetes jornalísticas veiculadas em jornais on-line, de acesso livre, que retratam o cenário educacional brasileiro pós-pandemia. Em primeira análise, ao tecer uma descrição do perfil de educação, pós-pandemia, que vem sendo construído pela mídia, pode-se constatar que a esfera midiática tem construído um perfil de educação caracterizado por uma ênfase significativa na digitalização e na resiliência adaptativa, destacando a necessidade urgente de inovação tecnológica nas práticas pedagógicas, que apesar de ser necessária, sozinha não configurará a mudança social dentro do cenário educacional, é preciso políticas públicas eficazes.

Sob a perspectiva da ADC, esse perfil evidencia uma narrativa que frequentemente reforça desigualdades ao valorizar a capacidade de adaptação tecnológica, muitas vezes ignorando as barreiras socioeconômicas que limitam o acesso equitativo às ferramentas digitais. A retórica midiática tende a romantizar a “nova normalidade” da educação digital, promovendo um discurso de progresso e inevitabilidade tecnológica que pode marginalizar comunidades já vulneráveis, ao mesmo tempo em que idealiza a figura do professor como um herói resiliente, camuflando as sobrecargas e desafios reais enfrentados por profissionais da educação.

Em segunda análise, partindo da ADC, a pesquisa evidenciou que textos como manchetes de notícias e reportagens podem ser protagonistas para uma mudança discursiva ao moldarem percepções e atitudes sociais por meio da escolha de palavras, enquadramentos e ênfases narrativas. Ao destacarem certos aspectos de uma questão



e silenciarem outros, esses textos podem influenciar a agenda pública, direcionando o foco para temas de inclusão, justiça social e equidade. Quando intencionalmente orientados para promover uma conscientização crítica e uma visão mais inclusiva e empática da sociedade, podem desafiar narrativas dominantes, questionar estruturas de poder e inspirar ações coletivas para mudanças sistêmicas.

Por fim, sob a ótica da ADC, reconhece-se que as manchetes jornalísticas assumem um papel fundamental na construção e na reprodução de ideologias. No contexto da pesquisa social analisada, as manchetes dos jornais constituem um objeto de estudo crucial, pois representam um ponto de entrada privilegiado para examinar como as ideologias são disseminadas e legitimadas por meio do discurso midiático. A escolha de determinados eventos para serem destacados e a forma como são apresentados nas manchetes refletem não apenas as preferências editoriais dos veículos, mas também suas posições políticas e ideológicas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P. *et al.* F. Apoio psicológico para pais de crianças de 0 a 11 anos durante a pandemia de COVID-19. (Tópico 9) **Sociedade Brasileira de Psicologia – SBP**, Grupo de Trabalho (GT) de enfrentamento da Pandemia SBP COVID-19, 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1986.

Escolas da rede pública atendem mais de 80% dos alunos do ensino fundamental e médio, aponta IBGE. G1, Educação, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/15/escolas-da-rede-publica-atendem-mais-de-80percent-dos-alunos-do-ensino-fundamental-e-medio-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis**: the Critical Study of Language. New York: Longman, 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. [Tradução de Isabel Magalhães]. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N; MELO, I. P. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.



FONTANA, F.; PEREIRAM, A. C. T. Pesquisa documental. *In*: MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O.; BATISTA, M. C. (Orgs.). **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciência**. 2. ed. – Ponta Grossa: Atena, 2023.

FREITAS, Henrique Campos. Percepções sobre a reforma do Ensino Médio pelo viés da Análise do Discurso Textualmente Orientada e da Multimodalidade. **Revista Profissão Docente**, v. 22, n. 47, p. 01-24, 2022.

GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. Discurso e prática social. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

GRAMSCI, A. **Selections from the prison notebooks**. [Tradução de Quentin Hoare e Geoffrey Nowell Smith]. New York: International Publishers, 1971.

LASSWELL, H. **Propaganda Techniques in World War**. Nova Iorque: Peter Smith, 1938.

MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. M. A. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 81-106.

MORAES, D. (Org.). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Boitempo, 2013.

ORMUNDO, J. S. **Reconfiguração da linguagem na globalização: investigação da linguagem on-line**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Linguística, Brasília, 2007. 271p.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PINTO, M. G. S.; BARBOSA, J. R. A. O discurso consumista em post publicitários do *Instagram*: uma análise crítica. **Colineares**, v. 9, n. 2, p. 99-114, 2022.

RESENDE, V.; VIEIRA, V. **Análise do Discurso (para a) Crítica: o texto como material de trabalho**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V.; VIEIRA, V. **Análise de Discurso Crítica**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, F. D. B.; MAIA, K. W. M.; MULLER, R. G. Hegemonia. *In*: IRINEU, L. M. *et al.* (Orgs.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. [Prefácio de Viviane Vieira] 1. ed. – Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 85-105.



THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. [Tradução de Pedrinho Guareschi]. Petrópolis: Vozes, 2002.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and Power**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Racism and the Press**. London: Routledge, 1991.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave de análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (Org.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.